

O x da questão: formar o corpo, transformar a língua?

The x point of the question: form a body, transform the language?

La pregunta x: formar el cuerpo, transformar la lengua?

Alejandra Vargas

Psicóloga. Mestranda na Teoria Psicanalítica da UFRJ. E-mail: mvaralejandra@gmail.com

Nelly Brito

Psicóloga. Doutoranda em Psicanálise: Clínica e Pesquisa pela UERJ-RJ. Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ-RJ. Professora do IBMR-RJ. E-mail: nellybrito3@hotmail.com

Simone Perelson

Psicóloga e psicanalista. Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Université Paris 7, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP) e professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. E-mail: simoneperelsonrj@gmail.com

Resumo

O artigo propõe um diálogo entre psicanálise, história das ciências e estudos *Queer*. Parte-se de dois temas: a clínica diante de pessoas descritas como casos de intersexo e o uso da linguagem não binária sob a forma da escrita que suspende de forma intencional as letras *a* e *o* - que designam na língua portuguesa o binarismo feminino/masculino - substituindo-as pela letra *x*. Os corpos ditos intersexuais colocam em xeque possíveis balizas para descrever um corpo como masculino ou feminino. A escrita do *x* se coloca como esforço de utilizar os recursos disponíveis na língua para manter uma imprecisão acerca do binarismo sexual. Questionando normatizações e seus efeitos na conjuntura social, objetiva-se articular noções psicanalíticas, modos de leitura sobre os corpos e a problematização levantada pelo *Queer* sobre a heteronormatividade. Dessa forma, buscamos trabalhar a pergunta: qual a função de nomear a experiência de um corpo como sexuado?

Palavras-chave: *corpo; linguagem não binária; intersexo; psicanálise.*

Abstract

This paper promotes a dialogue between psychoanalysis, history of sciences and Queer studies. Its bases are two themes: the clinic dealing with people described as cases of intersex and the use of non-binary language in the form of writing that intentionally suspends the letters *a* and *o* - which designate the feminine/masculine binarism in the Portuguese language - replacing them with the letter *x*. The so-called intersex bodies question out possible beacons describing the body as male or female. The writing of the *x* is an effort to use available resources in the language to maintain an inaccuracy about

sexual binarism. Questioning the normatizations and their effects on the social conjuncture, the objective of this paper is to articulate psychoanalytic notions, different ways to read the bodies and the problematization raised by the Queer on heteronormativity. Thus, we seek to work out the question: What is the function of naming the experience of a body as a sexual one?

Key-words: *body; non-binary language; intersex; psychoanalysis.*

Palabras-clave: *cuerpo; lenguaje no binario; intersexos; psicoanálisis.*

Introdução

Muito angustiada, uma mulher fala à psicóloga da maternidade sobre seu filho recém-nascido: “O médico disse que, até os exames saírem, é para chamar só de bebê. ‘Meu bebê’. Mas, como eu vou fazer isso? O nome dele é Rafael, ele é o meu filho! Meu amor, meu menino”.

Este breve recorte clínico traz a fala de uma mulher que, ainda no puerpério, recebe a notícia de que seu filho apresenta o que a medicina caracteriza como uma “anomalia do desenvolvimento sexual”. Trata-se de um estado intersexual, popularmente difundido, muitas vezes em tom pejorativo, como hermafroditismo. Em casos como este, há ambiguidades orgânicas, comumente relativas ao que o campo biomédico atribui como caracteres sexuais, fato que dificulta a nomeação de determinados corpos como tangentes ao sexo feminino ou masculino. “O que se observa nesse sentido é que, quanto mais a produção científica na área biomédica avançou na busca de elementos inequívocos para se descobrir onde, afinal, encontrava-se o ‘verdadeiro’ sexo, mais surgiram ‘ambigüidades’” (Machado, 2008).

A constituição do sujeito como sexuado é um tema complexo, sendo vários os campos do saber que sobre ele se debruçam. De modo geral, os discursos científicos sobre o sexo partem do organismo, isto é, da anatomia, da fisiologia ou da genética como bases para suas pesquisas sobre a verdade acerca do sexo. Ainda que estas consistam em examinar múltiplos fatores envolvidos no desenvolvimento da sexualidade, persiste a tendência de tomar a presença de caracteres orgânicos ditos masculinos ou femininos como o parâmetro de uma inscrição sexual tida como ideal.

Os casos de pessoas nascidas com ambigüidade genital desafiam a unanimidade desse referencial, uma vez que sua morfologia não consegue resguardar tal tipo de certeza. Nesse ponto, não há como definir os corpos, dado que eles não seriam totalmente masculinos nem femininos. Com base no atendimento, em ambiente hospitalar, a sujeitos que convivem com alguma anomalia do desenvolvimento sexual, questionamos o que, afinal, definiria um sujeito como sexuado, nos perguntando se existiria um denominador capaz de estabelecer o referencial indefectível para o sexo.

O próprio conceito de diferença sexual é então posto em xeque, levando pacientes, familiares e equipe de saúde a perguntar: afinal, como nomear esse corpo que se coloca como enigma e faz repensar as certezas sobre aquilo que se passa em nossos corpos? Esta, contudo, parece ser uma questão tão antiga quanto a própria existência humana.

Os casos conhecidos como intersexos podem ser considerados exemplos paradigmáticos do impasse na definição de um sentido sexuado unívoco para os corpos. O paradigma, porém, apenas amplia e torna nítido o que em outros casos pode passar despercebido ou parecer menos inadequado.

Na contramão dos discursos científicos — e mais particularmente das modalidades discursivas que se multiplicaram ao longo dos séculos XIX e XX constituindo o que Foucault chamou de *scientia sexualis* (Foucault, 1976/2006), ciência animada pela vontade de saber a “verdade sobre o sexo” ou ainda de nomeá-lo verdadeira e inequivocamente —; na contramão ainda das normas que, com seu saber, a *scientia sexualis* visaria fundamentar e caucionar, surge na virada do último século para o atual, o movimento – teórico e político autodenominado *Queer*. Referido ao mesmo tempo a um campo de discursividade teórica e de práticas sexuais e políticas, o *Queer* se propõe a desestabilizar as práticas normativas sobre o corpo, no intuito de dar a ver corpos tidos como ininteligíveis por não serem claramente classificáveis nas categorias vigentes. Dentre as estratégias de ação e subversão do movimento, destacam-se aquelas que se dão no campo da língua e seu uso criativo de neologismos e ressignificações. O próprio termo *Queer* é fruto de uma apropriação de um termo utilizado em inglês como insulto, que foi ressignificado e deu lugar a tantas expressões políticas e artísticas, a ponto de tornar-se o nome de um campo teórico propriamente.

No contexto brasileiro do movimento, interessa-nos destacar aqui a utilização da letra *x* ao final de palavras que a língua portuguesa diferencia entre os gêneros masculino e feminino. Esta intervenção na língua está cada vez mais difundida e sendo utilizada em diferentes campos sociais, incluindo os documentos formais. Podemos dizer que este uso é um efeito da provocação e do questionamento que o movimento *Queer* exerce.

Encontramos nesta estratégia a nítida dificuldade de sustentar a palavra falada, o que gera um incômodo pela impossibilidade de pronunciar palavras que incluem esta

letra que é pouco frequente em nosso vocabulário e ainda se instaura entre consoantes que não facilitam a sua pronúncia. No entanto, longe ser insustentável, a passagem da escrita da letra *x* à sua leitura se dá, sustentando-se, entretanto, em um desconforto. E é justamente este desconforto na fala, este desconforto discursivo que nos interessa discutir. Como tática discursiva, é extremamente potente a manutenção do desconforto como efeito de desnaturalização da língua que sustenta os discursos que se ocupam dos corpos sexuados. Da mesma forma, os corpos intersexuais nos ajudam a perceber que há sempre algo que escapa ao que é simbolizado e naturalizado na cultura.

É com essa ideia de corpos que se mostram ininteligíveis e palavras à primeira vista ilegíveis que trazemos, neste trabalho, algumas questões que partem do diálogo entre a psicanálise e os estudos *Queer*, podendo ser condensadas na pergunta: qual a função de nomear um corpo?

Os ditos casos de intersexo não podem ser facilmente definidos como relativos a machos ou fêmeas, de acordo com os referenciais orgânicos para os sexos. Por sua vez, o movimento *Queer*, em países da América Latina, sustenta o emprego da letra *x* ao final de palavras que, pela norma das línguas latinas, deveriam terminar com as vogais “a” e “o”, substituindo a designação binária de gênero por uma suspensão de cunho intencional.

A seguir, perpassaremos algumas tentativas de construção de um saber sobre o sexual a partir da nomeação dos corpos ao longo da história e em diferentes contextos, enfatizando o olhar sobre os casos de intersexo como paradigma ao que será então tomado pelos estudos *Queer* como “corpos ininteligíveis”. Nossa visada é discutir, para além das diferenças, pontos de convergência sobre o enigma que atravessa os corpos em diferentes contextos. Para tanto, exploraremos os territórios da história das ciências — com as contribuições de Thomas Laqueur (1990) — e dos estudos *Queer* — particularmente de Judith Butler (2003) e Paul B. Preciado (2014) — indicando algumas possíveis interlocuções entre estes dois territórios e a psicanálise, nosso campo de base.

Moldes e modelos para o sexo na história do ocidente

Considerada um dos pilares da civilização ocidental, a diferença sexual ancorada nas bases corporais do binarismo homem/mulher nem sempre existiu. Eis, em suma, a

tese desenvolvida pelo historiador Thomas Laqueur, no livro *Making Sex: Body and Gender From the Greeks to Freud* (1990). Se o título original da obra já desperta curiosidade, a equivocidade da primeira parte do título — traduzida, na publicação francesa por *La fabrique du sexe* (1992) e na brasileira por *Inventando o sexo* (2001) — não faz senão aumentar o seu interesse, introduzindo-nos já de saída na problemática que aqui propomos desenvolver, a saber, a difícil articulação entre sexo e nomeação.

Neste livro, o autor argumenta que nem sempre os corpos, em termos biológicos, foram a base indelével para a diferença entre os indivíduos. Isto não é o mesmo que dizer que a anatomia fora irrelevante ou que a distinção entre os gêneros masculino e feminino não era percebida. Pelo contrário. A proposta é que a diferença sexual do presente não pode ser simplesmente sobreposta ao passado (e, em nossa opinião, nem projetada ao futuro), como se ela sempre tivesse sido interpretada do modo como em geral a concebemos hoje, isto é, profundamente ligada às bases orgânicas: fisiológicas, anatômicas e genéticas. Em outros termos, seria possível afirmar que a diferença sexual, como a conhecemos, nem sempre existiu!

A tese de Laqueur (1992) nos é particularmente importante, pois lança o desafio de *relativizar a “naturalidade” da distinção entre os sexos, tal como o faz, a seu modo, o intersexo*. Por isso, partiremos da análise da referida obra para mergulhar em alguns horizontes do sexual.

Segundo Laqueur (1992), no ocidente, existiriam dois modelos principais de compreensão dos corpos enquanto sexuais: o modelo unissexual e o modelo bissexual. Tais balizas levam em consideração não somente a forma do corpo, mais especificamente a dos órgãos genitais, principalmente os externos, mas também o modo como se dividem os indivíduos de acordo com a compreensão dos papéis que desempenham a partir do paradigma masculino/feminino em cada sociedade, dependendo da época e do contexto — religioso, político, econômico, dentre outros aspectos.

No *modelo unissexual*, a compreensão de uma “carne única” norteia a interpretação acerca dos sexos. Trata-se, predominantemente, da compreensão dominante no período histórico anterior ao iluminismo. Destacando fundamentalmente Galeno e Aristóteles, pensadores exponenciais de seus tempos, cuja influência é percebida até os

dias de hoje, Laqueur (1992) observa que, se havia corpos distintos, suas diferenças eram observadas em termos de simetria e correspondência. Assim, os dados corporais consistiam em evidências, como o fazem atualmente, contudo, não da distância, mas da matriz comum entre os indivíduos.

Dotados de órgãos distintos, mas análogos, homens e mulheres, no modelo unissexual, são vistos, respectivamente, como o direito e o avesso de uma mesma carne. Enquanto o aparelho reprodutor masculino se mostra a olhos vistos, o feminino permanece no interior do corpo, apresentando-se de modo reduzido, ou seja, não tão bem elaborado. Haveria uma espécie de gradação da mesma substância: nos homens elevada à perfeição e, nas mulheres, em menor grau de desenvolvimento — disparidade explicada pela quantidade de “calor vital” ou por pura vontade divina (Laqueur, 1992).

É importante ressaltar que a ideia de corpo estudada antes do século XVIII era a do homem, não sendo possível conceber outro sexo que não fosse este, fato descrito por Laqueur (1992) pelo termo “modelo da mulher-como-homem” (*modèle de la femme-comme-mâle*). O autor chama a atenção para o fato de que a linguagem dá provas de tal situação, afirmando ser uma espécie de “forçagem” utilizar termos que a ciência atual consagra aos fatores sexuais para tratar de outras épocas e contextos, uma vez que tais temas simplesmente não existiam do mesmo modo como atualmente.

Observemos o curioso exemplo descrito por Laqueur (1992, p. 17):

Por dois milênios, o ovário — um órgão que na aurora do século XIX se tornou a sinédoque da mulher — não possuía nem mesmo nome próprio. Galeno o designava pela mesma palavra que empregava para os testículos do macho, *orcheis*, deixando o contexto precisar de que sexo se tratava¹.

É interessante perceber o peso que a linguagem revela. Não era necessário, na época, haver a inscrição de um nome específico para uma parte do corpo atualmente considerada essencialmente feminina e distinta do masculino, uma vez que o corpo, não importava de quem fosse, era essencialmente o mesmo.

1

O original desta obra encontra-se em francês. As citações foram livremente traduzidas pelas autoras.

O fato de este órgão *não existir* anteriormente, no que se refere à sua invenção a partir de um nome, tende a causar perplexidade. Todavia, isto não significa que não existisse a própria diferença sexual. Ela possuía, contudo, outra significação, muito mais ligada às ancoragens culturais do que aos dados biológicos, o que hoje se define em termos de “gênero”². Como ressalta Laqueur (1992, p. 54): “no contexto da diferença sexual, a anatomia era uma estratégia de representação que esclarecia uma realidade extracorporal mais estável. Existiam múltiplos gêneros, mas um só e único sexo, uma “carne única”, suscetível a adaptações”.

O *modelo bissexual*, por outro lado, se baseia em referências orgânicas para elevar a existência de dois sexos ao estatuto de dado corporal incontestável. Se no modelo anterior a diferença sexual se pautava muito mais em fundamentos morais ou de ordem divina, no modelo bissexual é a ciência, com suas provas irrefutáveis, que alicerça a diferença dos papéis sociais atribuídos a homens e a mulheres.

Segundo Laqueur, “é no século XVIII que foi inventado o sexo tal como o conhecemos” (1992, p. 170). Para o autor, a mudança radical entre os modelos repousa sobre a criação da mulher enquanto diferente do homem no que tange ao seu corpo. No primeiro modelo, fundamentado principalmente no pensamento aristotélico, a menstruação e a função de gestar o bebê eram vistas como características que marcavam, na mulher, sua gradação próxima ao que há de mais animal e menos evoluído acerca do humano. A partir dos desdobramentos do iluminismo, os mesmos elementos passam a ser interpretados como dados fisiológicos que denotam a existência de dois sexos compreendidos como incomensuravelmente opostos.

Ao contrário do que se possa imaginar, para Laqueur (1992) os avanços científicos *não* são os responsáveis pela mudança do paradigma sexual. De acordo com o autor, tal manobra levou tempo e não fez mais do que repercutir mudanças de âmbito social. Não teria sido um fato isolado, mas um conjunto de fatores — enfraquecimento do

2

Segundo Stoller (1982), enquanto o “sexo” concerne a bases orgânicas da diferença sexual, o “gênero” tange a sua compreensão cultural (Stoller, 1982). Tal proposta é discutida criticamente por autores de várias áreas, como o psicanalista Lacan (2012) e a teórica *Queer* Butler (2003).

poder da religião, alterações em modelos econômicos dominantes, questões de ordem política como revoluções e guerras de proporções mundiais, dentre tantos aspectos — que engendrou na cultura a necessidade da criação do que poderíamos chamar, parafraseando Laqueur, a “mulher-diferente-do-homem”, não apenas no que tange ao gênero, mas também com relação ao sexo.

Em suma: “Durante a maior parte do século XVII, ser homem ou mulher era ter uma posição social, assumir um papel cultural, e não ser organicamente de um ou de outro sexo. O sexo era ainda uma categoria sociológica, não ontológica” (Laqueur, 1992, p. 161). A partir do século XVIII, as mesmas questões referentes à diferença entre indivíduos em termos de diferença sexual ganham uma nova roupagem. Noutros termos: muda a cultura, muda o modo de interpretar os corpos.

Laqueur (1992) afirma que a prevalência de um modelo não apaga a existência do outro. O maior exemplo da coexistência dos dois modelos se encontraria, a seu ver, em Freud. Com efeito, por um lado, o psicanalista, enquanto homem das Luzes, herda o modelo hegemônico dos dois sexos referidos à oposição anatômica pênis-vagina, herança que se explicita na formulação “a anatomia é o destino” (Freud, 2014, p.185). Por outro lado, contrariamente a esta fórmula e na contramão das descobertas e dos saberes científicos de seu tempo acerca do sexo, Freud sustenta que a diferença sexual se edificaria sobre um único sexo: o falo — representado, em sua versão masculina, pelo pênis e, em sua versão feminina, pelo clitóris.

Ao modelo freudiano do sexo único corresponde a concepção de uma sexualidade infantil bissexual, a qual colocará para Freud um problema: aquele de saber como a sexualidade infantil converge para a adulta e, mais particularmente, como uma criança com disposição bissexual se torna mulher. Laqueur conclui o livro comentando o problema — e a solução — de Freud, a quem se refere como “o grande teórico da ambiguidade sexual” (1992, p. 278). Eis a resposta de Freud (2012): para uma menina se tornar mulher, deve haver um deslocamento da predominância de prazer do clitóris — análogo ao do pênis e, portanto, masculino — para o prazer vaginal. Em outras palavras, na concepção freudiana, o recalque da sexualidade masculina é o que possibilita o tornar-

se mulher. O prazer do clitóris persiste na mulher, mas de modo secundário àquele referido às profundezas de seu corpo.

Segundo Laqueur (1992), com esta proposta, Freud promove uma verdadeira revolução, pois literalmente dá corpo ao enigma do orgasmo feminino, insistentemente discutido, seja pelos estudiosos mais próximos ao modelo uni ou bissexual. Ao mesmo tempo em que corrobora a ciência da época, buscando no organismo explicações para os enigmas impostos pela natureza, Freud iria além, pois erotiza uma parte do corpo cuja fisiologia não seria exatamente relativa à geração de prazer. Noutros termos, para Freud a mulher tem uma erótica distinta da do homem, não tanto em função da biologia, mas das incidências culturais sobre seu corpo.

Dentre as várias considerações de Laqueur, em nossa leitura, algumas têm especial peso, como é possível destacar:

1. *O corpo é sempre compreendido a partir de interpretações.* Isto permite pensá-lo além do reducionismo a certos referenciais, como a morfologia ou a vontade divina.
2. *A realidade corporal é apontada como forjada na linguagem.* A mudança de paradigma de um modelo unissexual para outro bissexual o demonstra. A existência de determinado órgão ou função, por exemplo, está estreitamente ligada à sua nomeação. A relevância da base discursiva, isto é, do que se diz sobre o sexo, aponta uma correspondência ao natural que não pode ser mais do que suposta.
3. *O corpo se mostra como espelho que dá consistência ao que nele se projeta.* Para Laqueur, em termos culturais, os saberes que a partir daí se fundamentam para dizer dos sujeitos enquanto sexuados têm norte no reflexo de um contexto maior, sendo a cultura vista como indutor da diferença sexual.

A nomeação: entre semblantes e sentidos

Freud (2013) descreveu *zonas erógenas*, mostrando que guardamos pontos nodais de prazer-desprazer em que algo se passa sem relação direta com a fisiologia. Com isso, aponta para a não equivalência entre as noções de organismo, na biologia, e de corpo, na psicanálise. À diferença do organismo, mapeado e circunscrito pela ciência como algo resultante de uma lógica natural do desenvolvimento, o corpo deve ser observado, de

acordo com Lacan (2008a), como um *aparelho*, ressaltando seu caráter de artefato da linguagem.

Lacan argumenta que o corpo — tal como é representado, sobre o qual se fala e no qual algo se sente — não é outra coisa senão o produto da operação de inscrição do significante sobre a carne, operação que implica a representação imaginária e a tradução simbólica da carne, mas também a produção de um resto, resto real, que excede tanto o significante quanto a imagem e se imiscui ao corpo enquanto gozo.

Há, então, uma distância intransponível entre o que sabemos, o que dizemos e o que pulsa no corpo. Corpo este que, como dito, é para a psicanálise um aparelho erógeno: montado e desmontado pelo trabalho constante da pulsão que, entre os nomes e a falta deles, “de saída, se apresenta como não tendo pé nem cabeça — no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista” (Lacan, 2008a, p. 167).

Assim, propomos tomar o corpo como um semblante. O *semblante* é descrito por Lacan como abundante na natureza, estando nas aparências, como insígnias que, a priori, não dizem nada. Tal como um meteoro, um trovão ou uma boca aberta, ele se apresenta como “um sinal, mesmo não sabendo sinal de quê. Essa é a própria imagem do semblante” (Lacan, 2009, p. 15).

Lacan (2009) também afirma que “não há semblante de discurso” (p. 15), acrescentando, em seguida que “o discurso, tal como acabo de enuncia-lo é semblante” (p. 19). Noutros termos, poderíamos dizer que o semblante não pode ser um discurso, mas o discurso deve ser visto como um semblante.

Pensemos no trovão, exemplo de semblante que Lacan nos fornece ainda na primeira lição do seminário 18, em 13 de janeiro de 1971a. Ora, o trovão é apenas uma aparência, uma marca. Logo, ele não pode equivaler a um discurso, pois, não esqueçamos, o efeito de significação é característico do encadeamento significante que compõe uma estrutura discursiva qualquer (Lacan, 1992).

Assim, para engendrar sentido, é necessário que o trovão seja inserido em uma cadeia de representações, ganhando capacidade de metáfora e metonímia, como o fazem significantes postos em determinada relação uns com os outros. Desse modo, por mais

que possa parecer, não é óbvio que o trovão equivalha à potência de um deus ou sinalize a iminência da chuva. Para tanto, é necessária a incidência de um discurso — como a mitologia, a ciência ou outro — que faça de uma aparência algo com capacidade de representação.

Por outro lado, quando Lacan afirma que o discurso é um semblante, temos que toda produção (humana) de linguagem — como uma frase falada, um texto escrito, um apanhado de sons, uma sequência de movimentos — ganha ares de semblante ao tornar-se corpo maciço, consistência de significantes donde se podem extrair significações. Um bom exemplo pode ser visto no caso das gírias comumente empregadas em diálogos, como “putz grila”. Se na língua portuguesa falada no Brasil, ou seja, num contexto discursivo específico, “putz grila” gera efeito de sentido, por si só isto não passa de uma massa sonora que deixa uma marca sem mais nem menos.

Condensando a consistência própria ao registro do imaginário e a possibilidade de engendrar significação ligada ao simbólico, o semblante evidencia de forma ímpar como “nada que a linguagem nos permite fazer jamais passa de metáfora ou metonímia. O que toda palavra, seja ela qual for, pretende denominar num dado instante nunca pode fazer outra coisa senão remeter a uma conotação” (Lacan, 2009, p. 159).

Pois bem, tomado como semblante, o dado corporal em si não significa nada. Ele não quer dizer. No entanto, é dito e, deste modo, ganha sentido quando lido a partir deste ou daquele discurso, seja ele biomédico, cultural, psicanalítico, *Queer* etc. Deste modo, na busca de ordenar minimamente aquilo com o que se debate desde sua entrada na linguagem, “na idade adulta, é próprio do destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres” (Lacan, 2009, p. 30), pois são estes os nomes que a língua portuguesa oferece para batizar os corpos e desta forma, a partir de tal nomeação, um arranjo de gozo se produz. Mas, não poderia haver outros arranjos? E, afinal, para que um semblante como é o corpo precisa ser tomado como significante dentro de certo discurso?

Freud afirma ao longo de sua obra que somos sujeitos sexuais desde a mais tenra infância e que a sexualidade nos permeia nos impulsos mais genuínos. Além disso, defende que os sujeitos são marcados por uma perversão constitutiva. Esta vai sendo restringida ao longo do “desenvolvimento” do *eu social*, na medida em que se observa

cativo, pois subordinado às normativas dos códigos vigentes. Com isso, o campo da sexualidade vai se tornando mais restrito, isto é, as múltiplas expressões do sexual vão sendo minadas. A esse respeito, Freud afirma:

A exigência [...] de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças inatas ou adquiridas na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça. [...] A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria [...] (Freud, 1996, p. 110.)

Face a este contexto, é importante ratificar que, se o ato de nomear advém do Outro e força o falante a posicionar-se num discurso supostamente compartilhável para todos, o modo como se irá responder diante deste chamado cabe unicamente ao sujeito. Assim, se, por um lado, a construção de corpos sexuados depende de sua tradução numa língua comum — isto é, na submissão de todos os corpos a um mesmo conjunto de componentes ortográficos, semânticos e sintáticos -, por outro lado, pela equivocidade própria aos componentes e às articulações singulares da língua, a construção de cada corpo pelos discursos não apenas deixa margens, mas é potencialmente produtora de transformações.

O movimento *Queer* e a ininteligibilidade dos corpos

Judith Butler, autora fundamental dos chamados estudos *Queer*, é pioneira em apontar o caráter eminentemente performativo e citacional do gênero. Seu primeiro livro, publicado em 2003 no Brasil, é *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Bebendo nas fontes de Austin, a autora sustenta que o gênero é um efeito de uma série de enunciados performativos, ou seja, enunciados que produzem os corpos sexuados aos quais supostamente se referem, isto é, enunciados que tornam reais os corpos que nomeiam. E bebendo nas fontes de Derrida, sustenta que a força performativa destes enunciados provém do fato d'eles serem identificados como citações de uma enunciação codificada, isto é, como cópias de um modelo.

Mas se é o dispositivo performativo e citacional que produz a estabilidade dos gêneros, a sedimentação e naturalização das identidades femininas e masculinas, é ele também que torna possível a sua desnaturalização, subversão e desconstrução. E isto seja através das falhas, dos fracassos em sua tentativa de reproduzir a norma de gênero assumida, seja através do que Butler chama de “citações descontextualizadas” próprias às performances *drags*, onde a identidade original sobre a qual se moldariam supostamente as cópias se revela ser ela também cópia. Destaca-se aqui, que a potência subversiva do gênero se encontra em sua possibilidade de, no ato mesmo de enunciar um discurso como verdadeiro, indicar ou produzir o seu furo.

Também referência fundamental para os estudos *Queer*, Paul B. Preciado é autor do *Manifesto Contrassexual*, livro publicado no Brasil em 2014. Trazendo em seu próprio título uma referência explícita ao *Manifesto Ciborgue* de Danna Haraway (1985), o livro é descrito pelo próprio autor como um “livro sobre sexos de plástico e sobre a plasticidade dos sexos” (Preciado, 2014, p.19).

A contrassexualidade é, em primeiro lugar, definida por Preciado (2014) como uma análise crítica dos gêneros naturalizados. Em segundo lugar, ela é uma teoria que pensa o corpo a partir das marcas sinalizadas em nosso tempo, de seu fim tal como ele foi pensado pela modernidade. Assim, ela é “uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade” (p.22). Em terceiro lugar, a contrassexualidade é formulada como um contrato social — o contrato contrassexual — contraposto pela autora ao contrato social que denominamos Ordem natural ou simbólica.

Enquanto o último contrato visa disciplinar os corpos através de sua naturalização e da solidificação das identidades sexuais fechadas: homem e mulher, o primeiro se dedica à desconstrução sistemática desta naturalização e desta solidificação. O contrato contrassexual implica o reconhecimento dos corpos “não como homens e mulheres, e sim como corpos falantes” (Preciado, 2014, p. 21) passíveis de “aceder a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (Preciado, 2014, p. 21).

Assim, os corpos aparecem, na teoria de Preciado como *locus* privilegiados de ressignificação social, isto é, de colocação em causa dos paradigmas discursivos modernos que lhes conferem inteligibilidade. Emerge aqui a potência questionadora dos corpos ininteligíveis.

Corpo e escrita: diálogos sobre o enigma do sexual

O sistema sexo-gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam(...). A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (Preciado, 2014, p. 26).

Preciado (2014) propõe que a contrassexualidade se ocupe de identificar os espaços de desvios dessa escritura para reforça-los enquanto potência a fazer furo na estrutura linguística heteronormativa. Por exemplo, corpos femininos nomeados com nomes masculinos, corpos que sustentam nomeações não-binárias etc. No entanto, o autor adverte que não se trata apenas de uma redução do movimento ao aspecto meramente linguístico, pois seria abstrato demais e perderia a sua força. Inclusive aponta para o erro de pretender uma neutralidade linguística, pois não é possível manter um “ponto zero” de dominação normativa:

Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação (Preciado, 2014, p.27).

Em referência a Derrida e Butler, Preciado (2014) atribui importância à enunciação dos sujeitos falantes e às citações descontextualizadas da qual o termo *Queer* é fruto. Esta é a ideia de ressignificação. Se o movimento *Queer* tem como base de crítica a naturalização do dispositivo binário da diferença sexual — o qual é entranhado na cultura ocidental como único modo possível de existência —, os corpos *Queer*, ao se apresentarem com identidades e sexos incompreensíveis à cultura, com posições subjetivas de enunciação ininteligível, produzem o furo no dispositivo binário.

Não é à toa que a *Teoria Queer* pôde ser formulada na língua inglesa, uma língua onde as palavras não padecem de gênero para serem ditas. É claro que acompanhadas de um sujeito feminino ou masculino (*she* ou *he*) elas mudam e ganham sentidos distintos. No entanto, é diferente da língua latina onde as palavras são elas mesmas femininas ou masculinas. Em inglês as palavras são apenas *it* e nos referimos a elas com neutralidade *the words, the books*. Em português, utilizamos gêneros para acompanhá-las: *as palavras, os livros*. O discurso *Queer*, no entanto, longe de ser neutro, é a própria diferença encarnada. E é este aspecto que nos interessa destacar.

Cada vez é mais comum em países da América Latina o uso do *x* na escrita cursiva visando abolir a diferença de gênero nas palavras. A interpretação mais difundida sobre este uso do *x* é a de que ele seria uma tentativa de “anulação da diferença” e que esta pretensão de neutralidade no que tange ao sexual teria sérias consequências sociais. No entanto, a nossa leitura sobre essa prática se atém à estranheza que esta provocação tem causado no que se refere à pronúncia das palavras com *x*. Dessa forma, é possível afirmar, com base na psicanálise, uma outra interpretação sobre a mesma prática no que tange àquilo que se inscreve de modo tal que, nas *contingências* de sua passagem falha à fala, traz *necessariamente* as marcas sempre singulares de um *impossível* de dizer.

As palavras terminadas em *x* sustentam que o binarismo não dá conta de inscrever todas as diferenças. Observamos nesta forma de escrita um efeito de incômodo, não apenas quanto à escrita, mas, principalmente quanto à fala, posta a dificuldade de traduzir em sons, palavras que terminem com *x*. O *x* é legível no sentido em que se reconhece a escrita dessa letra no meio da palavra. No entanto, é indizível, impronunciável e este incômodo se soluciona rapidamente pela não pronúncia desses termos. É precisamente, esta escrita que não se traduz completamente em significante que queremos articular aqui com a noção de letra em Lacan.

Se afirmamos com Lacan que “o significante é uma dimensão que foi introduzida pela linguística”, (Lacan, 2008b, p. 35) e que a linguística destaca o aspecto sonoro da palavra do seu significado, podemos entender que cada significação se dá na junção de ambas as dimensões, significante e significado, e que esta será uma amarração a cada vez singular de acordo com o discurso em que se opera. Dessa forma, Lacan ressalta que:

Se há alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante (Lacan, 2008b, p. 39).

Ou seja, os significantes, no que eles ressoam, não se significam por si sós. É preciso que se faça uma leitura, na própria escuta, para que haja alguma amarração que defina o seu sentido. Pois bem, estamos falando aqui desse uso do x , que impede a tradução da leitura que se faz das palavras escritas com x , em palavras faladas. No entanto, se sustentam através da escrita e são passíveis de serem lidas. Mas esta leitura é uma leitura que mantêm a abertura para a significação, pois ao não se traduzir em significante sonoro, a palavra opera enquanto algo impossível de ser dito mas localiza esta impossibilidade. Lacan indica que é o sexual que não pode ser dito, ou seja, não pode ser transformado em discurso “a relação sexual, vocês não poderão jamais escrevê-la — escrevê-la com um verdadeiro escrito, enquanto aquele que, da linguagem, se condiciona por um discurso” (Lacan, 2008b, p. 41).

Apesar da impossibilidade de pronunciar estas palavras por elas não se articularem nas regras da nossa língua, a nossa leitura sobre esta prática faz uma articulação entre o sexual em Lacan e o irrepresentável do x , ou a representação do enigma. Interessa-nos destacar em que medida este uso pode servir *não tanto a resolver* quanto a *colocar a questão* do corpo sob a forma de um x que insiste em se fazer escrever como um impossível de dizer. Há um rastro que permanece ali desse indizível, rastro que se sustenta justamente para marcar esta impossibilidade.

Ao tratar da angústia, Lacan (2005) a associa ao objeto a , aquele que jaz entre os campos do corpo e da linguagem. E ainda, aquele que aparecerá como furo, como algo que “vem oscilar no intervalo”, que faz mancar o *eu*. Algo acontece ali, Lacan fala de um “tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela” e é nesse lugar que se apresenta “um achado”:

Um achado que é, ao mesmo tempo uma solução – não forçosamente acabada, mas, por mais incompleta que seja, tem esse não-sei-o-quê que nos toca com esse sotaque particular (...) – a surpresa – aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que

esperava – mas que, de todo modo, é, em relação ao que ele esperava, de um valor único (Lacan, 2008b, p. 32).

Ele prossegue dizendo que este achado é sempre um reachado e está também prestes a se perder a todo momento. Este objeto estará sempre em queda já que é inassimilável pela significação. Não cabendo a nenhum campo, nem ao corpo e nem à linguagem é, no entanto, tributário a ambos.

Assim como os corpos considerados intersexuais, tais palavras geram desconforto por estarem tão dentro quanto fora do campo do sentido. Não nos cabe aqui enquadrá-los como certos ou errados no seio deste ou daquele discurso. Tampouco nos incumbimos de defender ou rechaçar suas aparições e efeitos. O que nos interessa, a partir do diálogo entre psicanálise e movimento *Queer*, é ressaltar que ambos estão igualmente referidos, embora de forma não toda, à norma binária. Incorporam, portanto, algo bastante real, apesar de ininteligível. São semblantes incógnitos que sustentam o x da questão que a sexualidade impõe. Se causam angústia, o fazem ao apontar uma falha irremediável entre os corpos e os nomes.

Conclusão: formar o corpo, transformar a língua

A formalização do objeto a permitiu a Lacan desdobrar, nos idos de 1970, consequências lógicas com a noção de letra. Tomando a letra como “borda do furo no saber”, Lacan (2003, p. 18) afirma que ela é tão distinta quanto enlaçada ao significante. A ideia de letra em Lacan não é correlata a uma letra do alfabeto, ela não se encaixa nas normas de um código linguístico. Seria algo mais próximo ao traço de uma letra, ao rastro do que se escreve. Funciona como marca apenas e, assim, imprime uma diferença pura entre si e os demais objetos. Queremos aproximar aqui algo desse x inscrito entre as palavras à letra em Lacan.

Tal qual a incógnita na matemática, o x não significa nada, apenas permite afirmar que algo existe, mas insiste na condição indecifrável. Da mesma forma, Lacan afirma que não há nada por trás da letra, “a letra, radicalmente, é efeito de discurso” (Lacan, 2008b, p. 41). Vimos aqui que este uso do x nas palavras surge como artifício do movimento *Queer* frente ao binarismo da língua. Ou seja, na esteira do questionamento e das desconstruções de representações binárias para a suposta diferença entre dois sexos,

como efeito do mesmo. Quando Lacan retoma em seu Seminário, Livro 20 mais, ainda (2008b), a ideia de letra e a situa como efeito de discurso, ele também aponta que:

Por ora, quero fazê-los notar isto — que o mundo, o mundo está em decomposição, graças a Deus. O mundo, vemos que ele não mais se aguenta, pois, mesmo no discurso científico, é claro que não há mais o mínimo mundo. A partir do momento em que vocês podem ajuntar aos átomos um troço que se chama *quark*, e que é ali o verdadeiro fio do discurso científico, vocês têm de qualquer modo que se dar conta de que se trata de outra coisa que não um mundo. (Lacan, 2008b, p. 42).

Em seguida, ele destaca que o discurso analítico ou a psicanálise é a prática de ler o que resta, o que se produz na sobreposição de significantes, o que aparece enquanto lapso. A leitura que serve à psicanálise é esta “que se lê mal, ou que se lê de través, ou que não se lê.” (Lacan, 2008b, p. 42). É esta dimensão de algo passível de ser lido e mantido enquanto enigma, enquanto infinito de desdobramentos de sentido que Lacan nos ensina a respeito da letra e que nos parece inteiramente sustentável através deste x.

Com a lógica da letra, o plano do sexual poderá ser lido, no ensino de Lacan, como menos vinculado às noções de sexo e gênero, pretensamente definidas pelos discursos biomédico e cultural, e mais como ligado ao gozo, produzido de modo único a partir das marcas traçadas entre corpo e linguagem.

As letras de gozo, marcas da experiência singular de cada ser, são a trilha a partir da qual ele poderá inscrever-se como falante, dando corpo à carne, nome à coisa, em suma: sentido ao que não passa de semblante. Tal operação de produção e tratamento de gozo ou, noutras palavras, de sexuação, estaria, portanto, simultânea e irremediavelmente ligada à e desligada da língua.

Com o neologismo *lalangue*, Lacan enfatiza que uma língua porta muito mais do que códigos. Pois bem, temos a cor “amarela” em perfeita homofonia com a junção das palavras “amar” e “ela”. “Amarela”... “amar-ela”: aí notamos *lalangue* como depósito da produção inconsciente que monta e desmonta as marcas de gozo e os códigos linguísticos. Nas palavras de Lacan (2011, p. 21): “o que é preciso conceber aí é o sedimento, o aluvião, a petrificação que é marcada pelo manejo, por um grupo, de sua experiência inconsciente”.

Se o manejo da experiência inconsciente, por um grupo, permite forjar sentido aos mais diversos semblantes de lalangue, também autoriza esse mesmo coletivo a percorrer suas brechas, inscrevendo o ininteligível como enigma pungente à sexualidade humana e não apenas aos corpos intersexuais ou às palavras impronunciáveis por findarem em *x*.

É interessante perceber e especificar que o movimento *Queer* é um movimento político que visa operar e desestabilizar os códigos vigentes e estruturados culturalmente. Paralelo a isto, a psicanálise reconhece esse lugar de inscrição na história singular de cada sujeito. É justamente este o ponto de interseção que, em nossa leitura, sustenta o valor do diálogo entre o movimento *Queer* e a psicanálise.

Ao se debruçarem sobre corpos e palavras tomados como estranhos à norma, cada um a seu modo, ambos os campos apontam que não há um sentido que possa ser dito original para este ou aquele semblante. Não há senão a aparência “[...] que oculta o fato de que ‘ser’ um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível” (Butler, 2003, p. 40).

Ora, se “o sentido indica a direção na qual ele fracassa” (Lacan, 2008b, p.85), tomamos como ininteligíveis não apenas os corpos e as palavras inapreendidas na cultura, mas os corpos e as palavras de modo geral. Todavia, alguns mais do que outros, como é o caso dos intersexos e do *x*, tal qual empregado pelo movimento *Queer*, evidenciam a radicalidade dos semblantes e não se fecham num sentido previamente codificado. Com isso, sustentam que formar um corpo é sempre uma operação que exige transformar a língua, pois nenhuma operação linguística será capaz de aplacar a angústia que o sexual impõe.

Referências bibliográficas

- BUTLER, J. (2003) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- FOUCAULT, M. (1976) *História da sexualidade 1. A vontade de saber*, São Paulo: Graal, 2006.
- FREUD, S. (1996) *Mal-estar na civilização*. Edição Standar Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- _____. (2012) A feminilidade – Conferência 33. *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 15-48, 1933.
- _____. (2013) Tres ensayos de teoria sexual. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 07, 1905.
- _____. (2014) El sepultamiento del complejo de Edipo. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 19, 1924.
- HARAWAY, D. (2009) *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista*. HARAWAY, D. et al *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humana*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1985.
- LACAN, J. (1992) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1969-70.
- _____. (2003) Lituraterra. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971
- _____. (2005) *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1962-63.
- _____. (2008a) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964.
- _____. (2008b). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1972-73
- _____. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971.
- _____. (2011). A terceira. *Opção Lacaniana*, revista brasileira internacional de psicanálise. São Paulo: Edições Eólia, n. 62, p. 11-34, 1975[1974].
- _____. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971-72.
- LAQUEUR, T. (1992). *La fabrique du sexe: essai sur le corps et le genre en Occident*. Paris: Gallimard.
- MACHADO, P. S. (2008) Intersexualidade e o consenso de Chicago: as vicissitudes da nomenclatura e suas condições regulatórias. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 23, n. 68, Oct.
- PRECIADO, B. (2014) *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2004.
- STOLLER, R. J. (1982) *A experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Imago.